

DUNSHÉE DE ABRANCHES

A CONFLAGRAÇÃO EUROPÉA
E SUAS CAUSAS

0032551/2003



L0000032554

DUNSHEE DE ABRANCHES

323.54

62.158

A CONFLAGRAÇÃO EUROPEA E SUAS CAUSAS

OB.MA.
940.344
15926e

DISCURSO PROFERIDO NA CAMARA DOS DEPUTADOS

AO

Congresso Nacional do Brazil

EM

26 DE SETEMBRO



RIO DE JANEIRO

Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & O.

1914



Ao Exmo. Snr.

Senador Urbano Santos da Costa Araujo

que tem a gloria de ser chefe do

honrado e digno Brasileiro,

Dr. Dunsbee de Abranches,

homenagem de seus admiradores da

Colonia Allemã.



Sr. Presidente :

Emquanto, entre nós, algumas almas bem formadas e magnanimas generosamente se agitam em uma nobre cruzada pela restauração da harmonia e da concordia entre os povos mais cultos do Occidente, e outras, mais ardorosas e impulsivas, se recreiam em tomar partido ou fazer as mais curiosas e extravagantes previsões diante da guerra que ora convulciona a Europa, conturbando a todo o mundo civilizado, permitta V. Ex. que eu tente estudar este gravissimo momento historico sob o ponto de vista, verdadeiramente brasileiro, procurando tirar delle ensinamentos avisados para a afflictiva situação economica da nossa Patria e, ainda mais, para a sua propria destinação politica no continente.

Cumpro assim um dos mais altos deveres civicos que se me têm imposto á minha vida publica. E, fallando mais como publicista, que sempre fui, do que como politico, sinto grande satisfação em reconhecer que a opinião nacional tem sabido honrar e applaudir nesta difficil emergencia a attitude guardada pelos poderes supremos da Republica, mantendo-se na mais estricta e inquebrantavel neutrali-

dade em face das nações belligerantes e proseguindo firmemente a linha tradicional da nossa diplomacia, linha que, accentuada decisivamente pelo immortal Barão do Rio Branco, jámais poderá ser alterada na sua portentosa directriz em pról da paz constante e da confraternização geral de todos os povos da America.

O SECULO XIX E O MUNDO MODERNO

Sr. Presidente — Em 1898, já lá se vão dezeses annos, fazendo em um dos meus livros o retrospecto politico do seculo XIX, diante da crise social que ameaçava revolucionar dentro de pouco tempo o mundo moderno, arriscava estas obscuras previsões:

“Assim como as acções e reacções multiplas entre os diversos elementos cosmicos não se podem operar com uma precisão chronometrica, assim tambem as rotações politicas dos povos não seguem uma marcha uniforme, capaz de percorrer cyclos eguaes em tempos definidos.

Pelo contrario, ha nellas largos retardamentos e accelerações inesperadas, longos eclipses em que parece haver uma hybernação profunda de todo o progresso humano e de todas as liberdades publicas; momentos historicos, rapidos, assombrosos, em que as revoluções se precipitam com o ruido phantastico dos terremotos.

São as épocas de transformação, as épocas transitorias, premissas dos novos estados sociaes,

preuncios das grandes catastrophes politicas. E se o philosopho ou o estadista pôde prevel-as e annuncial-as, como previo e annunciou De Maistre, estudando o seu tempo, “essa grande *unidade* para a qual a humanidade marchava a largos passos”, não se pôde comtudo fixar-lhes o termo ou a duração com a certeza admiravel com que o mathematico prediz os acontecimentos astronomicos.”

Bem errado tinham andado, pois, os discipulos de Rousseau e todos os pensadores de cem annos passados, exclamava eu então, quando no meio da erupção revolucionaria que abalava em seu tempo o mundo civilizado, parecendo tudo destruir e tudo reformar, proclamavam que o seculo XIX havia de ser fatalmente um seculo de grandes soluções e que nós seriamos os herdeiros venturosos da sua obra gigantesca de regeneração social.

A crise, entretanto, ainda perdurava, crise quasi bisecular, cada vez mais tensa e mais aterradora nos novos aspectos que iam tomando as suas phases, cada vez mais aguda e temerosa na intensidade dos seus multiplos symptomas.

E estes se revelavam por toda a parte, com a brutalidade das cousas evidentes, palpaveis ao primeiro exame, pululando nos menores acontecimentos e provocando as mais perigosas reacções.

Era a anarchia que ia avassallando a tudo: anarchia nos espiritos, anarchia nos sentimentos; no culto sem ideal e no ideal sem arte; na sciencia sem

uma só formula definitiva, na politica sem uma fórma salvadora.

Sentiam-se as sociedades modernas abaladas profundamente nos seus mais fortes alicerces, destruidas como haviam sido todas as regras do direito antigo, sobre que repousavam e que tinham como uma emanção da divindade, e substituidas por umas regras metaphysicas e de um artificio grosseiro com que o poder temporal, em um desvairamento illimitado e em uma luta ingrata e sem treguas, tinha procurado submetter, neutralizar ou mesmo destruir para sempre o poder espirital na sua ascendencia prodigiosa sobre as massas.

O que caracterizava, pois, naquelle momento o mundo civilizado e o que o tornava nesse ponto inferior ao mundo barbaro, era a instabilidade em tudo.

Estava-se dando com elle o que havia de acontecer fatalmente, em um futuro remoto, ao nosso systema planetario, com o resfriamento solar: pequenos choques provocando grandes disequilibrios, fortes commoções não produzindo minimos abalos.

Via-se por toda a parte a organização artificial das instituições. A unidade das nações repousando sobre a diversidade das raças, sobre o antagonismo dos costumes e, acima de tudo, sobre a rivalidade das crenças. A tendencia geral para a desaggregação, para o retalhamento e para novas fusões ficticias, sem base solida nem explicação historica. O falseamento das allianças, procurando confraternizar raças que

por indole se repelliam, atirando, uns contra os outros, povos que tinham uma tradição sagrada a guardar. A attracção irresistivel para a conquista, para a absorpção, para dilatar dominios que por si sós eram difficeis de conservar intactos e unidos. O enfraquecimento dos governos diante dos governados; a aspiração cada vez mais crescente e ameaçadora dos governados pelo governo das massas, desde a utopia socialista até ás aberrações do anarchismo; as reacções victoriosas das colonias contra as metropoles; as populações inferiores reconhecendo a sua força; a humilhação da civilização á barbaria; em uma palavra — a previsão sinistra cada vez mais certa e aterradora de uma invasão inevitavel do Oriente sobre o Occidente, presentindo-se de mais a mais a cada passo da historia, como o ruido longinquo de uma catastrophe universal.

A CRISE EUROPÉA

Tal era e tal seria o aspecto social e politico do mundo moderno, ao encerrar-se mais esse cyclo secular, insistia eu ainda no modesto estudo, a que estou alludindo, publicado em começos de 1908.

Para firmar mesmo de uma vez estas conclusões incontestaveis, accrescentava então, bastaria apenas estudar a triste situação da Europa, que ainda era o ponto culminante na curva grandiosa da evolução social.

E de facto, nós, na America que, das grandes divisões continentaes, era a unica que tinha progredido com uma rapidez assombrosa, dadas a morosidade e a repulsão instinctiva das populações indo-africanas para acompanharem o desenvolvimento occidental, nós eramos apenas uns povos libertados geographically.

Sob o ponto de vista espirital, porém, a não serem os Estados-Unidos, não conseguimos a nossa independência, não tinhamos uma individualidade propria, nem representavamos uma solução de

continuidade ao influxo intellectual dos nossos colonizadores.

A Europa era assim ainda o verdadeiro padrão por onde se podia aferir com justeza o mais alto gráo da civilização moderna. E era alli por conseguinte que mais claramente se tinha caracterizado este estado de anarchia universal que iam os esboçando nesse rapido escorço, antes uma synthese impressionando pela sua simplicidade do que uma critica que escurecesse a verdade pelo ardor ou pela extensão dos argumntos.

Mas qual a situação da politica européa ao despontar o seculo XX, indagava eu então?

A mesma de vinte annos passados; e, facto interessante, até com a mesma formula platonica — *o equilibrio continental*.

Era ainda a obra grandiosa de Bismarck, o *statu quo* conservador que persistia com todo o seu apparatus phantastico de artificios engenhosos, especie de arrecife com que o genio extraordinario do estadista pudéra sopitar o refluxo formidavel da desforra patriotica dos vencidos de Sedan, bastidores rutillantes com que soubéra entreter as rivalidades e as ambições internacionaes, emquanto solidificava duma vez a unidade germanica que perigava ainda no proprio delirio do triumpho.

Então, como na véspera, o scenario tambem era o mesmo ainda: a *triplice alliança e a paz armada*.

Entretanto, tudo concorria, tudo conspirava para que a creatura não fosse muito além do Crea-

dor. Bismarck que, cahido embora, nunca deixára de governar todo o velho mundo diplomatico com uma verdadeira dictadura moral, envelhecido, mumificado, e quasi alheio a tudo, parecia que esperava apenas para descer ao tumulo que as ultimas projeções do seu genio illuminassem ainda como um sol poente os derradeiros momentos da poderosa hegemonia da sua patria, antes que se viessem um dia a mover ou dilatar as fronteiras com que retalhára o continente.

E isso era o que se daria em breve, podiamos quasi affirmar sem medo de erro. . .

A REVOLUÇÃO SOCIAL

Justificando em seguida o meu modo de vêr, concluia então com estas considerações o meditado trabalho, que óra estou revivendo:

“Graves acontecimentos não tardarão talvez a imprimir uma phase nova ao problema social no despontar do seculo XX.

O enfraquecimento das duas grandes allianças, que avassallam toda a politica domestica da Europa e se reflectem poderosamente nos outros povos do planeta, é visivel. A Austria não poderá ser quiçá uma alliada eterna da Allemanha. A Italia tambem não ha de ser uma escravizada perpetua aos seus interesses dynasticos, sentinella avançada para os Alpes, guarda passiva e inconsciente ás portas do Vaticano.

Não será, por outro lado, nem as viagens do Czar á França, nem a assignatura de um tratado novo no meio das festas estrondosas com que foi recebido o Presidente desta Republica na Russia, que garantirá a acção conjuncta das duas grandes po-

tencias na hora do perigo ou neutralizará as ambições cada vez mais descomedidas que agitam a ambas e ás suas outra poderosas rivaes.

O que está perturbando e compromettendo sériamente os paizes europeus, a ponto de fazer perigar a sua estabilidade interna e com ella todos os seus convenios internacionaes, por mais solidos e notaveis que sejam, é a crise social.

E de facto, presentemente, no meio da anarchia geral que estamos apontando como sendo o cunho caracteristico das gerações modernas, os unicos elementos garantidores da unidade das nações, seriam o predomínio hereditario das raças e o culto adquirido pela patria.

Mas o apêgo ao solo vae pouco a pouco se restringindo na razão inversa da dilatação dos territorios ou se extinguindo na proporção da densidade das populações que se vêem forçadas a se rarefazerem com as grandes levas de emigrantes. A idéa de patria então desaparece ou fica circumscripta aos estreitos limites do torrão natal.

Por outro lado, o cosmopolitismo, os grandes centros productores, a propaganda das idéas socialistas, a miseria, concorrendo para o baralhamento das raças, fazem com que o espirito de seita não predomine geralmente nas zonas, de modo que a luta já se não trava de paiz a paiz, de estado a estado, nem ao menos de cidade a cidade, mas de bairro a bairro, como se está assistindo agora na Austria,

como se vio hontem e se vê ainda hoje com horror em todo o Oriente e como existio sempre na Russia.

O que distingue, pois, actualmente as nacionalidades, senão em muitas simplesmente a tradição e em outras velhos preconceitos que não será difficil destruir? O que impede que se quebrem os vinculos poderosos do edificio gigantesco de Bismark? Que se dissolva a unidade da Italia, estrangule-se o hybridismo extravagante da Austria-Hungria, retalhe-se ainda mais a França e scinda-se a Scandinavia? E que, na propria Grã-Bretanha, privilegiada pelo seu isolamento no Atlantico, omnipotente pela sua politica egoistica, pelo seu constitucionalismo admiravel e, acima de tudo, pela sua velha e cuidadosa organização colonial, o sonho de Parnell se torne uma realidade com a victoria do *home-rule* e a E,scossia rehavenha a velha pedra de Scone, symbolo da sua grandeza passada, unica esperança no seu longo martyrologio de soberana proscripta e humilhada?

Tudo assim annuncia que, em futuro não remoto, do choque inevitavel e terrivel das idéas novas que convulsionam a nossa época, ha de vir fatalmente, senão o desmembramento, pelo menos a remodelação institucional do velho continente. E' a revolução social que, dia a dia, se approxima através deste crepusculo tristonho, sangrento e indeciso do seculo XIX."

A FALLENCIA DO SOCIALISMO

Senhores, assim me exprimindo em 1898, eu não podia imaginar que, tres lustros após, uma guerra economica ainda se viesse antecipar no Velho Mundo á revolução social e que assistissimos a este espectáculo assombroso dos representantes do mais rubro radicalismo serem dos primeiros a tomar armas pela defesa das gloriosas nações que os viram nascer, e a acceitarem postos de destaque nos governos directores das batalhas sangrentas que se estão travando.

Não direi, como outros talvez o façam, que o Socialismo, já muito comballido por successivos e crueis desastres, acaba agora de abrir de todo fallencia. As grandes ideias não morrem. Modificam-se, transformam-se, adaptam-se mesmo aos meios que tentaram de todo refundir ou aniquilar; mas não deixam, jámais, de provocar os resultados fecundos que estão destinadas a produzir.

A philosophia socialista, se assim m'a deixam chamar, ainda entretem mais os espiritos superiores

nas suas cogitações platonicas do que impressiona sincera e fundamente o animo das classes menos esclarecidas. Em certas manifestações grosseiras das massas, o que se tem feito é confundir com um credo o que não passa de impulsos instinctivos de necessidades pessoais mal satisfeitas. E tanto isto é uma verdade que, neste instante, o que se acaba de vêr, é os socialistas de todas as castas, de todas as côres, de todos os schismas, desde os mais evangelistas dentre os teutos até os mais praticantes entre os gaulezes, correrem anciosos e ardentes para os campos de combate, esquecidos, como viviam a proclamar, de que a humanidade é uma só familia, de que todas as raças são irmãs, de que as fronteiras são as bastilhas da liberdade, e todos, todos, dispostos a darem o seu sangue pelo sólo sagrado em que vieram ao mundo, defendendo a todo o transe a unidade nacional, tudo abandonando e sacrificando tudo pela victoria e pela grandeza do seu povo e de sua terra — e só tendo diante dos olhos essa incomparavel imagem — a imagem sacratissima da Patria!

A VICTORIA DO INDUSTRIALISMO

Eu bem sei que as grandes revoluções não se fazem n'um dia. As ideias socialistas muito têm conseguido do seu largo programma; mas a verdade é que perderam o character violento dos primeiros annos de luta e, o que têm conseguido no terreno pratico das reformas postas em execução, representa mais os impulsos generosos dos corações dos dirigentes do que a victoria effectiva dos seus principios ou o producto de suas ameaças á ordem de cousas estabelecida.

No actual momento mesmo, acabamos de vêr que o socialismo ainda não é na Europa uma força orgánizada, capaz de provocar fundas commoções internas nesta ou naquella nação, ou de evitar, em nome dos seus principios e dos seus ideiases, uma conflagração internacional, em que tantos milhões de vidas se estão sacrificando. A GRANDE GUERRA, preparada, aliás, ha alguns annos, rebentou sem que a preconizada GREVE GERAL procurasse ao menos minorar-lhe as sangrentas consequencias. E o pro-

letariado é o primeiro a marchar na vanguarda dos exercitos para disputar a VICTORIA DO INDUSTRIA-LISMO, para garantir á sua Patria a supremacia economica e commercial sobre as suas rivaes!

Na verdade, Sr. Presidente, a tremenda disputa, que se desenrola no Velho Mundo, irradiando-se já aos mares da Asia, é unica e exclusivamente uma GUERRA COMMERCIAL. Não é a primeira na historia; não será de certo a ultima. Essas guerras se têm mesmo precipitado nestes annos derradeiros. Já houve a hispano-americana, vieram após a russo-japoneza e a italo-turca; e a actual, o que visa, acima de tudo, é a destruição da assombrosa prosperidade nacional da Allemanha e a sua incontestavel supremacia no commercio mundial.

A ALSACIA-LORENA E AS REINVINDICAÇÕES AUTONOMISTAS NA EUROPA

Illusorio seria, Sr. Presidente, pensar que a luta actual, em que se acham empenhadas a Alemanha e a França, tivesse por objecto as liberdades politicas da Alsacia-Lorena, ou que nella se decidisse a tomar parte a Inglaterra só para salvaguardar a integridade territorial e a independencia da Belgica, em nome das suas tão preconisadas e famosas tradições liberaes.

Não menos extravagante se tornará imaginar que retrogradamos aos principios da Idade Média, passando a figurar os cultos allemães de hoje como os barbaros do norte de outr'ora; ou que seja uma luta apenas de raças que leve a Austria a invadir a Servia e a Russia a mover os seus milhões de cosacos; ou que outros, que não os seus interesses economico-mercantis, expliquem a attitude da Italia em face da *Triplíce Alliança* e o açodamento do Japão em cumprir certas clausulas dos seus tratos secretos com a Grã-Bretanha, procurando desde logo

apossar-se das colonias germanicas do Extremo-Oriente e iniciando sobre o Pacifico essa curva de conquistas insulares, ha tanto tempo sonhadas, afim de marcar caminho mais rapido e mais firme para o Panamá! . . .

Em uma interessante conferencia, feita em 1913 na Escola dos Altos Estudos Sociaes de Paris, e intitulada—*Reinvindicações autonomistas da Alsacia*, Henri Lichtemberger, professor eminente da Faculdade de Lettras da Universidade, daquella mesma capital, apesar de sua natural suspeição para tratar de tão delicado assumpto, não deixa de confessar que, naquella região que, ha mais de quarenta annos, vem servindo de um dos pretextos para a falta de tranquillidade do continente europeu, o *espírito autonomista* vale hoje muito mais do que todo o antigo e poderoso partido francez unido ao novo partido allemão.

Na verdade, o que todo o mundo sente, o que percebem facilmente os que visitam a Alsacia com olhos mais observadores do que os de um simples e despreoccupado viajante, é que, o que aspira hoje o seu povo, não é passar dos dominios de ferro do Kaiser para a centralisação enervadora da França, mas é viver sobre si e por si mesmo governar-se, dando expansão á grande actividade industrial, que ahí tem de facto incutido a administração germanica. É isto acontece porque, se a França, descurada sempre de tudo que diz respeito á sua politica colonial ou á sua acção no exterior, jámais tratou sé-

riamente, depois de 1870, de não perder a influencia sobre aquella parte mutilada do seu antigo territorio, tambem a Allemanha, por um infeliz preconceito, não procurou alli agir de modo a minorar as antipathias pelo conquistador, preparando pouco a pouco o espirito popular para a sua definitiva incorporação ao Imperio, como o seu ultimo Estado Confederado.

Bonnard pensa que, se tal se dêsse, não se tardaria a vêr “uma Alsacia particularista, com sympathias francezas sem duvida, mas, sobretudo, ciosa e altiva pela sua independencia reconquistada, e, provavelmente, muito satisfeita pela sua sorte, porque poderia marchar á sua vontade e desenvolver essa sua *individualidade provincial*, talvez a mais accusada do mundo”. Lichtemberger acredita, por sua vez, que “essa satisfação, dada ás aspirações alsacianas, teria sem duvida uma forte repercussão em França; e, se não bastasse por uma reparação á affronta de 1870, nem fosse uma *solução definitiva* para a QUESTÃO DA ALSACIA, teria comtudo uma influencia sympathica na opinião franceza, diminuindo sensivelmente a tensão de odios e desconfianças entre a França e a Allemanha. O que, porém, se descobre facilmente nas entrelinhas desses dois illustres pensadores, é que ambos reconhecem que, perdida a hegemonia da metropole sobre os seus antigos departamentos e dada a certeza, que nutrem as suas populações, de que nada teriam hoje a lucrar se voltassem ao que dantes eram, o proble-

ma da Alsacia-Lorena estaria resolvido se o seu Reichsland já houvesse sahido da inferioridade de condições em que se encontra, se lhe outhorgassem uma constituição sem os sophismas que caracterisaram as ultimas reformas politicas, com que a dotaram, e, finalmente, se “á uma administração alle-mã exercida por allemães, viesse a substituir uma administração alsaciana por alsacianos exercida”.

O que anima, pois, os dois formidaveis exercitos, que hoje se dilaceram em pleno coração da França, quasi ás portas de Paris, já não é mais o fogo sagrado que unia outr'ora os patriotas em torno do monumento de Strasburgo ou fazia Bismarck lançar os fundamentos da mais poderosa e da mais prospera das nações do Velho Mundo. Não se trata mais de uma cruzada em prol da libertação politica de um povo. A questão nacional da Alsacia-Lorena passou; teve o seu tempo. Como a causa socialista, entrou para o rol das abstracções philosophicas. E, como a Alsacia-Lorena, treze outras pequenas patrias vivem tambem na Europa a sonhar com a sua autonomia. . . .

A INDEPENDENCIA DA BELGICA E O "HOME-RULE"

Os povos fracos não podem ter questões. No mundo civilizado, houve sempre a questão britânica, a questão allemã, a questão austro-italiana, a questão franceza ou a russa, como ha presentemente as questões norte-americanas e as nipponicas. Isso que se chamou um dia a questão alsaciana, a irlandeza, a macedonica, a finlandeza, a albanica ou a poloneza, pouco a pouco se tem tornado uma méra modalidade dos interesses em jogo entre as grandes potencias. Por traz da *questão belga*, que uma vez pareceu incendiar todo o Velho Continente, como agora, o que estava a se agitar era um gravissimo problema que, se de perto affectava a França, a Prussia e outros paizes, chegara até a ameaçar a propria integridade nacional da Grã-Bretanha.

Hoje, como hontem, proclamando a necessidade de manter a todo o transe a independencia territorial e a autonomia politica desse pequeno e glorioso Estado, que, por uma creação artificial, se

jungira em 1814 aos destinos de outro povo tão diverso na raça, nas tradições e nos costumes, e entrando na guerra sob o pretexto de amparal-o de um provavel exterminio quando queria esmagal-o no Congo, a Inglaterra não faz mais do que procurar defender-se a si propria, ao mesmo tempo que precipita o aniquilamento do mais perigoso e ousado dos seus emulos na concurrencia internacional nos mercados estrangeiros.

Seria irrisorio que, em nome do seu classico liberalismo, o governo de S. James corresse abnegadamente a evitar a escravisação da Belgica quando ainda mantem com mãos de ferro confiscada a liberdade da Irlanda.

“Na verdade, exclama Goblet, um dos ornamentos mais illustres do Instituto Commercial de Paris, oito seculos de porfiadas revoltas e de exodos miseraveis, de massacres e de fomes, de repressões affrontosas e de indomaveis esperanças — tal é a historia da luta irlandeza contra uma dominação estrangeira tyrannica, e tanto mais detestada ainda por ser estrangeira do que por ser tyrannica”. E acrescenta:

“As realidades do *English Rule* bastariam para justificar o sonho do *Home Rule*; mas o *Home Rule* não satisfaria as aspirações da Irlanda. E’ que a autonomia pleiteada, necessaria, não é sómente aqui um negocio politico e administrativo. O amor da liberdade existia mesmo antes da escravisação. Seria

preciso ignorar a historia e a psychologia da Irlanda para crêr que reformas parciaes, feitas em Londres, pudessem fazer calar os seus protestos. Taes reformas, com effeito, o que têm sempre visado, é *temperar*, por uma especie de paternal socialismo de Estado, uma grotesca administração de Colonia da Corôa, baseada na força.

“Affirma-se que, nesse paiz, o desejo de autonomia tem um character sentimental. Mas é justamente isso que dá toda a força e toda a duração ás reivindicações do povo irlandez. E’ possivel que haja quem se bata annos seguidos para conseguir o seu bem-estar, mas um ideal faz sempre um povo lutar por muitos seculos.

“Ora, existe, ha cerca de dois mil annos, uma Irlanda com o ideal celtico, com sua lingua e suas tradições, seu direito e seus costumes, seus santos e seus martyres; com a civilisação mais antiga e mais delicada do mundo occidental; com sua intellectualidade admirada na Europa em uma época em que os habitantes da ilha vizinha eram ainda guerreiros semi-barbaros. Essa herança maravilhosa deve ser salva; os homens da Irlanda não podem deixar de lutar e de soffrer para que não morram o pensamento, a raça e a patria dos seus irmãos, porque a Irlanda é uma Patria!

“Pois bem: foi a liberdade dessa nação que a Inglaterra pretendeu confiscar, desde a bulla subtrahida pela fraude a Nicholas Breakspear, tornado

o Papa Adriano IV, em meados do século XVII, até ao Acto de União, obtido por corrupção do Parlamento de Dublin, em começo do século XIX. Cem annos já se escoaram; porém, mais energicos do que nunca, e mais do que nunca perto da victoria, sentem-se os intrepididos defensores da autonomia irlandeza!”

Sr. Presidente, quebrando a velha linha da sua politica internacional e correndo soffregamente em soccorro da Belgica, cujo governo, ora dominante, não pertencendo ao chamado *Partido Flamengo*, teve de appellar do dia para a noite para o heroismo tradicional do seu povo, diante da invasão inopinada das hostes germanicas em caminho para a fronteira franceza, a Inglaterra não fez mais do que, com a sua reconhecida previdencia e acuidade de vistas, tudo sacrificar para não vir a ter uma vizi-nhança semelhante áquella de que, a todo transe, se procurou, já uma vez, livrar durante a campanha bonapartista, e, ao mesmo tempo, procurar reaver para os seus dominios a hegemonia perdida sobre os negocios e a politica commercial do continenti.

Da mesma fórma, será uma insensatez, sustentar-se um instante que sejam os ideaes supremos da liberdade, da justiça, do direito e da civilização, que guiam á esta hora as marchas forçadas das hostes russas e austriacas que, em luta encarniçada e feroz, devastam o sólo infeliz da martyrisada Polonia, outra opprimida a sonhar eternamente com a

sua redempção, como se o nosso seculo não fosse de soluções positivas e de exterminio sem treguas ao sentimentalismo dos povos fracos e tyrannizados, unicos que ainda vivem ingenuamente pelo coração!...

AS CAUSAS DA GUERRA

Senhores, não nos podemos nem nos devemos illudir. Esta guerra européa, diante da qual a Grã-Bretanha nos faz mais uma vez lembrar a Roma do mundo antigo, é puramente commercial e economica. E, o que se procura a esta hora destruir ou, pelo menos, fundamente abalar com a colligação para a luta de todas as outras potencias mundiaes, é a unidade politica do Imperio Allemão, base de toda a sua presente grandeza nacional e, mais do que tudo, da sua incomparavel supremacia economica e commercial no mundo contemporaneo.

A grandeza politica do Imperio Allemão pela consolidação da sua unidade nacional foi a obra portentosa de BISMARCK. A sua supremacia commercial e economica no mundo contemporaneo — o grandioso commettimento de GUILHERME II.

A OBRA DE BISMARCK

A acção do Grande Chancellor, á testa dos negocios germanicos, valeu em trinta annos pelo trabalho seguido de muitas gerações.

E de facto, se já era admiravel que um simples feudo da infeliz Polonia, criação ousada dos cavalleiros teutonicos, chegasse a tão alto gráo de prosperidades com Frederico, o Grande, ninguem poderia imaginar que humilhada em Tilsitt, perdendo mais de metade dos seus Estados e a lutar dia a dia, ora com a Russia que lhe arrancara parte do seu territorio, ora com a influencia austriaca que lhe procurava cortar todos os planos de reconstrucção, a Prussia conseguisse com Bismarck dominar o mundo.

E' que desde Richelieu a Pitt e de Pitt aos nossos dias, ainda não houvera brilhado na Europa um espirito tão extraordinario e profundo de estadista. E' que diante delle todos os homens de governo, os politicos mais notaveis de outros paizes figuravam como anões a atirarem pedras a aguias e todos se sumiam quando se avantajava a sombra magestosa de seu genio.

Bismarck, na verdade, conseguiu fazer do seu *eu* a Prussia e da Prussia o supremo arbitro dos estados germanicos, daquem e dalém do Rheno. Foi elle quem, concebendo um vasto plano de politica internacional, capaz de assegurar para sempre a grandeza de sua patria, assignalou de uma vez as fronteiras confusas e mal seguras das potencias europeas, desde a crise revolucionaria de 89. Foi elle quem, lançados o Piemonte e a França contra a Austria, que, enfraquecida e derrotada, teve de assignar a paz ephemera de Zurich, levantou a campanha patriotica e habilissima do pangermanismo; e, firmando arditosamente a alliança austro-prussiana, fez vingar os seus altos projectos sobre a posse dos ducados do Elba. Foi elle quem, dous annos depois, descobrindo violações pelo governo de Francisco José ao tratado de Gastein, obra sua, declarava a guerra á sua alliada da vespera, unia-se á Italia, inflingia ao exercito austriaco a derrota tremenda de Sadowa, precursora da de Sédan, e dissolvia a confederação Germanica, excluindo a inimiga natural e fundando a Confederação do Norte e os Estados do Sul. Foi elle quem, depois de affirmar assim a preponderancia prussiana sobre todos os estados allemães, intentou o anniquillamento politico da França, onde Napoleão III, fascinado pelas glorias da Criméa e da Italia e sobre a Austria, mostrava-se cada vez mais orgulhoso, apezar mesmo dos desastres do Mexico; e provocou habilmente a guerra franco-prussiana, quando já estava poderosamente

aparelhado para a luta, e impoz o tratado humilhantissimo de Versailles. Foi elle, finalmente, quem, aproveitando todos esses triumphos com que o patriotismo allemão se inebriava, comprehendeu o momento, e, em um golpe de audacia victoriosa, restabeleceu o grande imperio da Allemanha, annexando perpetuamente a corôa imperial á corôa da Prussia, e organizando essa poderosa *unidade germanica*, que foi a conquista immortal de seu Genio.

GUILHERME II

Apeiado o grande Chancellor da direcção suprema dos negocios do Imperio, fui um daquelles que não alimentavam a esperança de que o reinado do *Kaiser* actual proseguisse na tarefa ingente de fortalecer cada vez mais a situação da Allemanha no concerto mundial por um trabalho formidavel de organização interna, capaz de lhe assegurar pelo desenvolvimento de novas fontes de producção e de progresso os recursos cada vez mais crescentes afim de manter essa *paz armada*, que se tornára a pedra angular do equilibrio europeu e que, impossivel de ser conservada por longo tempo, a cada passo fazia estremecer o continente inteiro como o ruido longinquo de um terremoto universal.

A verdade, porém, é que o edificio levantado pelo Imperador Guilherme não foi menos fecundo e gigantesco do que o do famoso Chancellor de ferro. Ao soberano, como o pintavam os inimigos no começo do seu dominio, irrequieto, desabusado e despotico, o que se via succeder bem cedo em acção, era o estadista superior, providente e energico, sa-

bendo cercar-se de grandes homens, impulsionando admiravelmente todas as forças vivas do seu paiz na industria, no commercio e na agricultura, sem esquecer tambem as sciencias, as lettras e as artes, e preparando-o dia a dia, quasi inexpugnavelmente, para a sua defeza externa e a sua propria estabilidade interior.

Na grande obra commemorativa do jubileo do seu reinado, denominada Sozial Kultur und Volkswohlfahrtwährend der ersten 25 Regierungsjahre Wilhelm II (*A Cultura social e a prosperidade nacional da Allemanha durante os primeiros vinte e cinco annos do reinado do Imperador Guilherme II*), ha uma parte em que se faz uma synthese admiravel de todo esse gigantesco edificio em cinco lustros tão solidamente levantado. Não ha uma palavra de mais nesse notavel trabalho: a estatistica substitue a cada passo a exposição e o commentario; o estylo é sobrio; a linguagem quasi axiomática. Lêr algumas de suas paginas preciosas é ter de baixo dos olhos, em poucos minutos, o quadro exacto e impressionante do "extraordinario", do incomparavel florescimento economico e social da Allemanha neste ultimo quarto de seculo.

A POPULAÇÃO E O TRABALHO NA ALLEMANHA

Sr. Presidente. — Estudando os rapidos progressos do Imperio Allemão, vê-se que, se em 1816 o territorio, ora por elle occupado, possuia 25 milhões de habitantes, em 1871, já contava 41 milhões; em 188, essa cifra elevava-se a 48, e, nests ultimos 25 annos do reinado de Guilherme II, attingira rapidamente a mais de um terço da população existente, isto é, a 66 milhões. O excesso annual dos nascimentos passou a orçar por 800.000 crianças. Dadas as sabias medidas inspiradas pelo Imperador, rasgando mais largos horizontes ao trabalho, protegendo efficaçmente o proletariado, promovendo o saneamento systematico das cidades e dos campos, combatendo todos os obstaculos naturaes de um paiz de velha cultura, como a Germania, e estudando os meios efficaçes de transformar as regiões pantanosas e estereis em áreas adaptaveis á cultura, o exodo de allemães, que, de 1881 a 1890, fôra de 1.547.000 emigrantes, limitava-se a 528.000 de 1891 a 1900 e era reduzido, de 1901 a

1910, a 220.000, sendo que, no anno de 1912, apenas 18.500 deixaram a patria em busca de novas terras. E, se se comparar, como faz notar o dr. Karl Helfferich, o grande economista e eminente financeiro, director do *Deutsche Bank*, de Berlim, em notavel monographia, a emigração da Allemanha com a immigração para a Allemanha, verificar-se-á que esta é inferior áquella, não tardando a se tornar o Imperio um paiz de immigração, uma vez que, em face das outras grandes potencias mundiaes, é elle o verdadeiro paiz do trabalho.

Na verdade, a população activa da Allemanha que era, em 1882, de 16.203.300, isto é, 35,4 % do total dos habitantes, subia em 1895 a 18.912.400 e, em 1907, a 24.617.200, o que quer dizer a 39,7 % do total das almas da nação.

O MATERIAL TECHNICO E OS PROGRES- SOS SCIENTIFICOS

Para compensar essa espantosa multiplicação annual de braços e dar-lhes trabalho effectivo de modo a que se não escapassem para o estrangeiro, o reinado do Kaiser dominante teve a fortuna de presidir ás mais maravilhosas descobertas, quasi todas realizadas por scientistas e industriaes teutonicos, nos dominios da physica, da chimica e das sciencias naturaes, admiravelmente applicadas no terreno pratico da technica. E enunciando a *lei da conservação da energia*, um dos seus homens illustres assombrou mais do que o mundo scientifico: revolucionou todo o mundo economico.

“Com effeito, são palavras ainda do dr. Helfferich, os allemães não se contentaram com a sciencia puramente theorica. Dia a dia, este povo de poetas e de sabios tornou-se, no curso do seculo ultimo, uma nação de creadores praticos. Os progressos das sciencias naturaes puras ou applicadas foram completados pela actividade economica. Esta união do talento, da sciencia e da virtude conduzio a Allemanha aos

mais brilhantes successos nestes derradeiros vinte e cinco annos. O Imperador interessou-se vivamente por esta obra monumental; e, graças á protecção por elle dispensada ás sciencias a que deve o paiz o seu desenvolvimento economico, puderam ser tomadas as mais uteis e fecundas iniciativas.”

AS INDUSTRIAS E A AGRICULTURA

Sob este ponto de vista, os algarismos das estatísticas são verdadeiramente impressionadores:

Nas industrias da Prussia, a potencia total das machinas a vapor era de 1.220.000 HP. em 1882, de 2.358.000 HP. em 1895, e de 5.190.000 HP. em 1907.

No Imperio inteiro, em 1907, havia 124.000 machinas a vapor, produzindo 7.587.000 HP., dos quaes 5.185.000 eram utilizados.

Accrescente-se a tudo isto as outras fontes de energia motora — as forças hydraulicas, a corrente electrica, os motores a combustão, todos aproveitados no imperio allemão de um modo admiravel, como só o têm podido fazer os Estados-Unidos, e não ha quem não justifique o jubilo patriotico com que, ainda ha pouco, celebrando o centenario da casa Krupp, os allemães demonstraram que ninguem mais os excedia no mundo nos progressos da mecanica e da electricidade em todos os seus ramos e applicações.

Nos seus proprios minérios, pelo desenvolvimento espantoso da chimica, e, especialmente, da chimica agricola, sciencia fundada por Liebig, como

a physiologia vegetal, os allemães foram buscar elementos inapreciaveis de florescimento, estabelecendo a theoria moderna dos adubos.

“Reconhecendo no acido phosphorico, assim como na potassa e no azoto, grandes vantagens para a conservação e augmento da força productiva do solo, deram a essas materias, até alli desprezadas, um valor consideravel. Em suas immensas jazidas de potassa, a Allemanha passou a possuir uma riqueza que constitue uma vantagem sobre todos os outros paizes.” A extracção da potassa, que era em 1890 de cerca de um milhão de toneladas, elevou-se em 1900 a tres milhões e, em 1910, excedeu de oito milhões, produzindo mais de cem milhões de marcos. Extra-hindo, o azoto do ar atmospherico, o ammoniaco dos baixos productos do carvão, e conseguindo livrar o ferro de suas minas do phosphoro, que tanto prejudicava em suas usinas o fabrico do aço até 1880, graças ao processo de Thomas Gilchrist, puderam os agricultores germanicos dispensar em grande parte a custosa importação, que faziam, do salitre e do guano do Chile, preparando adubos admiraveis e conseguindo baratear extraordinariamente a sua produção.

O CARVÃO E O FERRO

Os progressos do Imperio, não só quanto á agricultura, mas principalmente em relação ás indústrias e á mineração, avolumaram-se de um modo assombroso. A Allemanha produz já hoje a quinta parte da extracção mundial do carvão e a quarta parte da do ferro. Ha 25 annos a sua producção de ferro fundido não passava da metade da da Grã-Bretanha; em 1903, produzia dez milhões de toneladas e batia, pela primeira vez, a sua rival. E, quanto ao aço, se, em 1886, pouco excedia do terço da producção ingleza, em 1910 já a tinha passado em mais do dobro !

Todas as outras industrias allemãs têm tido rapidamente o mesmo surto victorioso. As suas mercadorias, desbancando as similares dos demais paizes, a principio, pelo barateamento dos preços, se bem que grandemente inferiores na qualidade, foram mais tarde aperfeiçoando-se methodicamente, dê sorte que, na actualidade, rara é aquella que não apresenta, em face da estrangeira, quatro typos distinctos — *inferior, igual, superior e muito superior*, e tudo custando menos do que as suas concurrentes. E isso ex-

plica por que o commercio allemão vae sobrepujando por toda a parte o das outras potencias européas, já não dizemos nos mercados das nações livres do universo, mas nas proprias colonias das suas emulas, invadindo as Indias Inglezas, alastrando-se pela Africa e pela Asia, e conseguindo penetrar subrepticamente no proprio coração da França, o que, ha dez annos, pareceria inacreditavel e absurdo.

O COMMERCIO EXTERIOR

A extensão do commercio exterior entre a Allemanha e a Inglaterra pode ser apreciada pelo seguinte quadro:

<i>Annos</i>	<i>Importação na Allemanha</i>	<i>Exportação para a Inglaterra</i>	<i>Total</i>
	<i>Marcos</i>	<i>Marcos</i>	<i>Marcos</i>
1908.....	697.000.000	997.000.000	1.694.000.000
1911.....	808.000.000	1.139.000.000	1.948.000.000
1913.....	876.000.000	1.438.000.000	2.314.000.000

O commercio allemão com as colonias inglezas foi em 1913:

	<i>Marcos</i>
Importação	873.500.000
Exportação	242.100.000

Para se poder avaliar o valor actual da exportação da Allemanha, basta uma meia duzia de exemplos: O das machinas é hoje de 630 milhões de marcos contra 52 em 1887. O dos ferros grossos e finos de 580 milhões contra 96 na mesma data. O da hu-

lha — 436 milhões contra 79; o do coke — 126 milhões contra 9. Em 1912, o dos automoveis subio a 65 milhões; e assim por diante. Quanto á industria textil, hoje que os allemães já conseguiram preparar até o linho superior ao inglez, a exportação dos tecidos subio nestes vinte e cinco annos da seguinte fórma: os tecidos de algodão, de 67 milhões de marcos em 1888 a 421 milhões; os de lã, de 177 milhões a 253; e os de seda, de 16 a 190!

A ESPIRITUALIZAÇÃO DO TRABALHO E O ENSINO PROFISSIONAL

“Organisar o trabalho economico, pondera illustre economista, é combinar as energias humanas com os materiaes de trabalho. A organização economica repousa assim, em primeira linha, sobre dois principios estreitamente ligados — a divisão e a concentração do trabalho. A divisão do trabalho se manifesta na distribuição dos habitantes do paiz por diferentes profissões cujo conjuncto constitue a economia nacional. A concentração do trabalho é a reunião de um numero mais ou menos consideravel de energias sob um mesmo fim economico. Os resultados gigantescos da industria moderna só se conseguem por um concurso systematico de grandes massas, de verdadeiros exercitos de operarios de todas as categorias, em resumo, pelo trabalho commum e disciplinado de um numero infinito de energias phisicas e intellectuaes.

“Não quer isso dizer que, com os progressos da technica, se vão transformando os homens em machinas, de seres conscientes em inconscientes.

Ao contrario, é a machina que allivia o homem de uma quantidade enorme de trabalhos corporaes. Hoje, os aperfeiçoamentos do material, fundados so-

bre o trabalho scientifico, exigem, dia a dia, a substituição dos operarios sem aprendizagem pelos competentes. O desenvolvimento do material tecnico, em lugar de materialisar o trabalho, tende cada vez mais a espiritalisal-o.”

Na verdade, em um dos meus relatorios sobre a instrucção publica no Brazil, apresentados ao governo benemerito do dr. Rodrigues Alves, em 1904, estudando a verdadeira revolução operada na Allemanha no tocante ás escolas profissionaes, escolas que não têm rival no mundo, eu recordava as palavras devéras propheticas, proferidas em Belfast pelo presidente da *British Association for the Advancement of Science*, quando, ao lamentar a decadencia das industrias chimicas na Inglaterra, attribuia o facto á viciosa diffusão do ensino tecnico em sua patria, o que lhe iria diminuindo hora a hora as probabilidades de vantajosamentè lutar no campo industrial com aquella potencia em que a propagação providente e sabia da instrucção em todos os seus grãos lhe garantia uma posição invejavel no continente. E terminava então a sua notabilissima oração com este grito de alarma, que profundamente impressionou a opinião publica em toda a Grã-Bretanha — EDUCATE, EDUCATE OR PERISH.

Os factos ahi estão demonstrando a verdade pungente destas memoraveis palavras. A Inglaterra, não podendo mais lutar no terreno economico com a sua rival do continente, teve de recorrer ás armas para vencel-a e sobrepujal-a.

Ó PROBLEMA OPERARIO

A Allemanha não se contentou, na sua poderosa organização economica, em dividir bem o trabalho e, depois central-o, instruil-o e disciplinal-o. Tratou tambem de proteger decisivamente o trabalhador, chegando sob este ponto de vista até ao exagero.

Logo no começo do reinado do Kaiser actual, Joaquim Nabuco, estudando o problema operario no mundo moderno, depois de accentuar o impulso extraordinario dado por Bismarck com o seu socialismo do Estado aos seguros contra accidentes, enfermidades e velhice, seguros que já estavam pesando fortemente sobre as industrias e o proprio governo germanico, elogiava rasgadamente a Guilherme II pela preocupação absorvente de cercar de todo o conforto os proletarios, e combatia eloquentemente as doutrinas de Herbert Spencer infensas á esse socorro do poder publico a tantos e tão humildes desamparados da sorte.

“O joven Kaiser, escrevia então o saudoso brasileiro, procura ter o operario ao seu lado e parece

até dar maior importancia á sua bôa vontade do que á propria *triplice alliança*.”

E 'que Nabuco fallava como um verdadeiro estadista, os acontecimentos presentes o estão praticamente demonstrando . . .

Desde que subio ao throno, o Imperador Guilherme promoveu e levou a effeito a decretação de uma legislação social para garantir o bem estar dos operarios, legislação que servio de modelo ás que adoptaram mais tarde a Inglaterra e a França. Os encargos impostos por taes leis ás industrias e ao commercio tornaram-se pezadissimos, mas foram bem recompensados pelos seus beneficos resultados sobre a vida social do Imperio, contribuindo efficazmente para melhorar as condições do trabalhador e, especialmente, dos menores empregados nas usinas. A lei contra o trabalho infantil foi uma grande victoria do Kaiser. A sua severa execução, combinada com os esforços por parte dos governos urbanos e do povo em geral enviando as crianças pobres das grandes cidades todos os verões, quer para o campo, quer para as praias, diminuiu consideravelmente as molestias causadas pela miseria. E, sob este ponto de vista, dois unicos paizes excederam até hoje a Allemanha nos desvelos pelos pequenos desamparados: foram a Dinamarca e os Estados Unidos.

O CAPITAL E O CREDITO

Por outro lado, não se descuidou um instante a Allemanha de organizar o capital e aperfeiçoar os moldes do credito, desenvolvendo o espirito associativo sob bases solidas, sendo uma das principaes a moralidade do pessoal dirigente. As sociedades anonymas, as sociedades em commandita, as cooperativas, os syndicatos, as communitades de interesses, os *consortiums*, têm tido alli um extraordinario impulso.

Sobre as ultimas destas associações, escreve Helfferich, ao contrario do que se dá com os *trusts* nos Estados-Unidos, deixam a cada uma das empresas, de que são compostas, sua inteira autonomia, limitando-se a applicar certos principios que regulem a producção, os preços e a concorrência. Taes companhias tendem a eliminar o mais possivel os conflictos e as perdas resultantés de uma desregrada concorrência, grupando todas as energias no escopo de alcançarem o maximo do successo economico”.

Em 1887, existiam no Imperio 2.143 sociedades anonymas e em commandita, representando 4.876 milhões de marcos; em 1912, essas cifras se elevaram a 4.712 associações com um capital de 14.880 milhões de marcos.

Presentemente, em toda a Allemanha, ha mais de 30.000 cooperativas e passam de 16 mil as sociedades chamadas de responsabilidade limitada, constituindo um capital de 3.588.500.000 marcos.

O total dos depositos nos bancos de credito, em contas correntes e de deposito, era em 1912 de 9.360 milhões de marcos. Os existentes nas sociedades cooperativas excediam de 3 milhares. Emfim, os das caixas economicas tocaram já a 18 milhares.

A ORGANISAÇÃO FINANCEIRA

Afim de poder avaliar a admiravel organização financeira da Allemanha, basta dizer-se que, até a presente data, apesar da guerra, não foi alli ainda decretada a moratoria. Para auxiliar o povo e o commercio, o governo decidio apenas que os chamados *devedores de boa fé*, isto é, aquelles que possam documentadamente provar que o curso dos seus negocios foi desorganizado com a guerra, são os unicos que terão direito a uma certa protecção; mas, para obtel-a, são forçados a provar que unica e exclusivamente por causa da luta armada é que se encontram privados no momento de regular as suas obrigações. E a verdade é que os grandes bancos, que estavam todos aparelhados para a guerra, continuam a trabalhar como anteriormente, o que acaba de ser officialmente communicado ao ministro allemão nesta capital, segundo se lê nos jornaes.

A organização bancaria actual da Allemanha é, na verdade, a mais solida possivel. O Imperio, que possui um grande desenvolvimento industrial e mercantil e que era, ha alguns annos passados, compa-

rativamente pobre, encontrou-se bem cedo na possibilidade de offerecer melhores taxas do que os outros paizes do continente. O affluxo de dinheiro do exterior para os seus estabelecimentos bancarios era por este motivo sempre grande; mas, desde algum tempo, especialmente depois da questão de Agadir em 1911, os bancos começaram a fazer negocios de modo a ficarem as finanças allemãs independentes do dinheiro extranho, e mui particularmente do dinheiro francez.

Esta mudança de negocios foi muito auxiliada pelo Sr. Havenstein, director-presidente do *Banco Imperial* e habilissimo financeiro. Percebido esse trabalho, não tardou que uma tremenda guerra financeira fosse movida contra o capital allemão; mas não teve o bom exito desejado. Os bancos allemães agiram com tal energia e tanta previdencia que, apesar da ausencia do capital francez, o Imperio poudo manter uma taxa de descontos sempre muito baixa e até emprestar dinheiro aos paizes estrangeiros, ao mesmo tempo que as suas industrias e o seu commercio conquistavam uma extensão inesperada. E os proprios banqueiros francezes se convenceram dessa enorme força financeira da Allemanha, de 1912 a 1913, durante as perturbações bancarias occasionadas pelos acontecimentos dos Balkans.

O MOVIMENTO ECONOMICO

Sr. Presidente, para fazer face a tão assombroso movimento economico-financeiro, tendo sempre em vista produzir muito pelo menos possivel, os governos teutonicos têm sempre procurado multiplicar os seus caminhos de ferro e um só instante se des-cuidaram de impulsionar tambem a viação fluvial. Em 1910, os rios e canaes do Imperio transportaram 91 milhões de toneladas de mercadorias, contando uma frota fluvial de 26.235 embarcações.

Por outro lado, o desenvolvimento da sua viação ferrea tem sido assombroso. Em 1890, o total das linhas em trafego era, na Inglaterra, de 32.297 kilometros, na França, de 36.895, e na Allemanha, de 42.868. Em 1911, attingiam na Inglaterra a 37.649; na França, a 50.232, e na Allemanha — a 61.936.

Quanto ao commercio maritimo do Imperio, a obra de Guilherme II não tem sido menos memoravel. Apesar da pequena extensão do littoral de que dispõe o seu paiz, a marinha mercante allemã já é a segunda do mundo em tonelagem. Nestes seis ul-

timos annos, multiplicou-se mesmo de tal fórma que fez a propria Inglaterra arreceiar-se de que pudesse um dia vir fazer sombra á sua frota, se bem que a superioridade desta é tão grande sobre todas as demais do universo, que não será tão cedo que outra conseguirá igualal-a em numero e poderio.

A EXPANSÃO COMMERCIAL

Sr. Presidente, sob o governo do actual Imperador, na phrase incisiva e sincera do director do *Deutsche Bank*, de Berlim, a politica commercial da Allemanha encontrou satisfatorias soluções para o magno problema da politica economica do Estado.

“Os estreitos limites do nosso territorio, escreve elle, a uniformidade das condições climatericas da nossa Patria, o crescimento da sua população, o augmento sempre accentuado das suas necessidades, obrigam-nos a importar enormes quantidades de materias primas e de productos alimentares. Devemos assim pagar essas importações com o nosso trabalho e, em particular, com a exportação dos nossos productos industriaes.

“Sob o governo do Imperador Guilherme II, a politica commercial allemã encontrou soluções satisfatorias para estes problemas. A agricultura e as industrias, que, para se desenvolver, têm necessidade de ser protegidas contra a concurrencia estrangeira, obtiveram todo o apoio e fizeram grandes progressos. Pelo systema dos tratados commerciaes

a longo praso, conseguimos abrir os mercados estrangeiros á nossa exportação industrial e os portos estrangeiros aos nossos navios. E, ao mesmo tempo, fomos garantindo ao negociante allemão condições propicias para se estabelecer por toda a parte e em toda a parte prosperar.

“Para obter este alvo, tivemos, é verdade, de atravessar negociações difficeis com os paizes extranhos e lutas interiores entre os partidos da esquerda e da direita. Foi um dos grandes meritos do Imperador ter, em seu advento ao throno, reconhecido, entre tantos problemas complicados, o caminho seguro a seguir com tanta tenacidade quanto sangue frio.

“O facto de haver assegurado escoadouros ao nosso commercio e portos á nossa marinha mercante não bastava todavia. O desenvolvimento das nossas industrias nos collocou em uma dependencia relativa em face do estrangeiro; uma tal dependencia exige um contrapeso. E’ preciso que, para além das nossas fronteiras, o nosso espirito empreendedor e os nossos capitaes disponiveis possam encontrar um campo novo de actividade: urge que adquiram uma influencia immediata sobre territorios longinquos e importantes para as nossas compras e as nossas vendas. A aquisição de colonias além-mar responderia a essas exigencias: em taes regiões, a dominação politica é a mais segura garantia da influencia economica. Esse caminho, todavia, por infelicidade nossa, não nos está plenamente aberto. Quando a Allemanha,

depois de haver concluido a sua unidade politica, voltou os olhos para o mar, percebeu que o mundo colonial estava já quasi inteiramente partilhado. Devemos assim, por ahi além onde os caminhos não se acham mais livres, proseguir o nosso fim por meio de uma politica economica previdente e activa.

A POLITICA COLONIAL

“A nossa politica colonial foi inaugurada em 1885, explica Helfferich. Seus principios foram modestos, mas decisivos para o seu desenvolvimento. Até ao reinado de Guilherme II, tinhamo-nos limitado a fundar algumas empresas commerciaes e a içar o pavilhão nacional sobre certos territorios desocupados da Africa e das ilhas do Pacifico. Foi sobre tão estreita base que edificámos o Imperio Colonial Alemão. Seu engrandecimento, sua exploração geographica, sua conquista militar, sua organização administrativa, sua expansão economica, foram obras do Imperador, levadas a effeito nestes ultimos dez ou quinze annos. A tarefa foi grande e accidentada. A's difficuldades naturaes destas regiões, que *eram as unicas* que restavam a tomar, vieram juntar-se a resistencia dos indigenas, por um lado, e, por outro, os erros da metropole, devidos ao nenhum conhecimento do grande problema colonial, á pusilanimidade de uns, ao scepticismo de outros, á falta de experiencia de muitos, em uma palavra, á falta de tradição. Um duplo insuccesso administrativo e economico assignalou estes primeiros passos.

“Hoje, essas difficuldades da primeira hora estão na maior parte superadas. O Imperio Colonial Allemão, com uma superficie de 2.900.000 metros quadrados, conta presentemente onze milhões de habitantes, dos quaes 27.000 de raça branca. Possui mais de 3.867 kilometros de vias ferreas. O commercio total das colonias da Africa e do Pacifico, de 1898 a 1912 elevou-se de 46 milhões de marcos a 263, attingindo assim ao quintuplo em quatorze annos. O de Kiao-Tcheou, (territorio que arrendamos por noventa annos), passou, de 1902 a 1912, de 34 milhões de marcos a 260 milhões. E o da metropole com aquellas colonias é hoje muito superior a cem milhões.

“A nossa actividade, todavia, nas colonias, representa apenas uma parte da actividade allemã no estrangeiro. A divisa do negociante allemão é — *Meu campo é o mundo*. Na verdade, antes que o Imperio se atirasse á cata de colonias, antes mesmo que fosse elle fundado, encontravam-se negociantes allemães nas praças mais importantes da Europa e dos outros continentes. Muitos perderam por esse motivo a nacionalidade; mas tambem muitos souberam conservar o seu character nacional e as suas relações com a patria. Elles formam os preciosos elementos da *Allemanha-Maior*. Embora estando enraizados em terras extranhas, as suas empresas mercantis, industriaes e agricolas fortificam dia a dia a posição da Allemanha no commercio mundial.”

A PAZ ARMADA

“E’ preciso, comtudo, ponderar-se, acrescenta o illustre escriptor acima citado, que o gigantesco edificio de actividade economica, acima descripto, só pôde repousar em uma base solida quando se achar bem protegido contra qualquer violencia extranha. Na concurrencia pacifica, a economia nacional allemã se sente bastante forte para manter e alargar a sua esphera de acção. Mas, *em todos os tempos, a tentação de fazer uso, na luta economica, dos meios politicos e militares foi sempre grande no forte vis-a-vis ao fraco. As numerosas guerras commerciaes da historia dão disso um eloquente testemunho.*

“*Todos os progressos da civilisação não poderiam impedir que, quando existe uma desproporção excessiva entre a força economica de um povo e seu poder militar, não se deva sempre recear que uma explosão venha brutalmente quebrar esse equilibrio instavel.*

“Este principio uma vez posto, a Allemanha, já constrangida pela sua posição geographica e sua

experiencia historica a entreter um exercito prompto sempre para qualquer eventualidade, vio-se tambem obrigada a organizar uma frota poderosa afim de dissipar nos seus adversarios até o menor desejo de destruirem pela violencia as suas relações commerciaes de além-mar. Neste sentido, a nossa marinha de guerra, obra exclusiva do Imperador, é o coroa-mento do edificio gigantesco ao qual devemos o extraordinario desenvolvimento da nossa prosperidade nacional e sobre o qual repouza *a possibilidade de viver do povo allemão !*”

O IMPERIALISMO ALLEMÃO E O PERIGO AMERICANO

Senhores, é contra esta formidável organização economica e commercial da Allemanha que óra se acha colligada quasi a Europa inteira e, com ella, a esta hora, o Imperio Nipponico.

Uma colligação semelhante, e incluindo mesmo o Japão, já esteve prestes a ser organizada, ha oito ou nove annos passados, contra os Estados Unidos, por occasião das presidencias de Roosevelt e da do seu illustre successor.

Nessa época, tal qual se vê hoje, era contra o *perigo americano*, que se clamava, como uma ameaça incessante á paz universal: era o IMPERIALISMO YANKEE que se denunciava como dia a dia se apparelhando para escravisar a America inteira e intro-metter-se após intrusamente, na vida politica e nos negocios mais intimos do Velho-Mundo. E chegou até a affirmar illustre publicista francez que o imperialismo economico da patria de Washington, posto ao serviço do seu insaciavel imperialismo politico, houvera mesmo modificado duas vezes a formula de

Monroe, proclamando a principio — a *America dos americanos do Norte*, para depois accrescentar — não só a America, mas o *Mundo aos Estados-Unidos!*

Em França, principalmente, essa campanha contra o *yankee* chegou a assumir então proporções extraordinarias. Escriptores houve que pregaram até o esquecimento do desastre de Sedan, preconizando uma alliança da sua patria com a Allemanha, como nucleo de uma poderosa liga de todas as outras nações européas contra os planos arrogantes e absorventes dos governos de Washington. Ribet, no seu livro *Des Transformations de la doctrine de Monroe*, depois de se regosijar de haver sido um francez, o embaixador Cambon, quem, n'um discurso durante um banquete da *Alliance Française*, de Boston, tivera a coragem de desafivelar a mascara das ambições norte-americanas, collocando em um dilemma de ferro a Roosevelt e seus partidarios, lastimava que, na Europa, nada ainda se houvesse feito de preciso e coordenado contra o imperialismo *yankee*. E, depois de analysar varios planos alvitrados, concluia:

“As nações européas deveriam começar por *ententes politicas*, que seriam o preludio das *ententes economicas* e que destruiriam no óvulo todas as aspirações insinuantes do *imperialismo moral yankee* e todas as aparições brutaes do seu imperialismo economico. E' tempo de agir”.

Tendo já antes lembrado que o equilibrio mundial estava quebrado em proveito dos Estados-Unidos e de que estes não se teriam animado a atacar a Hespanha e dar á Russia tantos desgostos em torno do caso de Kichineff e da guerra com o Japão, se outra fosse diante delles a attitude da Europa, accrescentava o mesmo illustre sociologo:

“A verdade é que as grandes allianças europeas não possuem ainda significação alguma em face do *perigo americano*. A França não se deveria esquecer de que tem nisso tudo um alto papel a desempenhar. Só ella pôde ligar a energia de um blóco de vontades europeas contra essa massa inimiga que se avoluma no Novo-Mundo. Estabelecer, a principio, um equilibrio slavo e latino, accumular habilmente obstaculos diante de uma possivel federação anglo-saxonica, e, depois, com o auxilio das arbitragens e do tribunal de Haya, intervenção que os Estados-Unidos não poderão repellir, suavisar de todos os lados quaesquer attrictos — tal deveria ser o fim da acção diplomatica franceza contra a União Americana. O mundo se encontraria assim dividido, no ponto de vista dos Estados-Unidos, em quatro grandes esphas de equilibrio: O Japão, esphera ainda não definida, se bem que ameaçadora; a Inglaterra; a Alemanha; e a Russia, a Italia, a Hespanha e a França reunidas. A França se constituiria o centro de gravidade do equilibrio universal. Nestas condições, ella poderia espalhar as ideias de Justiça e de Direito, que são as suas, affirmar uma *autoridade moral*,

pura de toda a ambição conquistadora, e cultivar a esperança de retomar a Alsacia e a Lorena, que lhe foram arrebatadas. O equilibrio é o unico meio de salvaguardar a paz do mundo contra o *perigo americano* e contra todos os *perigos imperialistas*”.

Esquecia-se, entretanto, o notavel escriptor, assim tão brilhantemente se espraiando, de que, duas paginas antes, fôra o proprio a exclamar:

“Fala-se de paz e de arbitragem! Ora, todos os imperialismos prégam a paz no fim do seu triumpho. Suggere-se a *paz allemã*, a *paz ingleza*, a *paz nipponica*, a *paz americana*. São subtilezas de sophista . . .”

Na verdade, todos os imperialismos se parecem; e, em uma de suas obras mais interessantes, George Weulersee os estuda como um dos grandes phenomenos do nosso tempo, uma diathese fatidica e commum a todas as nações mais poderosas do globo.

“Em acção constante por todas as cinco partes do mundo, escreve elle, é o imperialismo uma politica que, todos os dias, sob os nossos olhos, modifica o mappa das nações. O *imperialismo britanico* invade a Africa Austral, trabalha por se estender de norte a sul e atravessar de lado a lado um continente inteiro, e sonha ainda por construir nos quatro cantos do universo o mais paradoxal de todos os imperios. O *imperialismo allemão* não se limita a abrir ao commercio e á colonisação germanica, os domi-

nios mais vastos, mais longinquos e mais diversos: ambiciona uma rica parte da successão austriaca. O *imperialismo russo* desaba sobre a Asia inteira; desde muito tempo pesava sobre a Turquia e a Persia e ameaçava a India; agora, desmembra a China; e estender-se-ia de certo sobre a Coréa se, diante delle, não surgisse de subito um outro imperialismo recém-nascido — o *imperialismo japonês*.” E um dos seus commentadores completa-lhe a lista com estas palavras terminaes:

“E, além destes, o *imperialismo francez* alastra-se pela Tunisia, por Madagascar e pela Indochina, depois de haver ensanguentado o Mexico e tentado em vão insinuar-se nas florestas da Amazonia. O *imperialismo italiano* semeia de cadaveres as planicies da Abyssinia. E, finalmente, o *imperialismo yankee*, ainda mais ousado e altaneiro, alastra-se por Hawaï e por Samoa, irradia-se ás Philipinas, empolga Cuba e Porto Rico e, pondo a mão de ferro sobre o Panamá, apodera-se sosinho da chave preciosa dos dois grandes oceanos — o Atlantico e o Pacifico”.

O *perigo americano* teve assim o seu momento agudo na politica mundial durante os primeiros annos deste seculo.

Pouco a pouco, porém, a campanha contra os Estados-Unidos, campanha que, só em Paris, provocára mais de duas centenas de livros, profligando as audacias da *Casa Branca*, foi perdendo o seu primitivo entusiasmo. Não faltou quem insinuasse

que o portentoso plano salvador da hegemonia europeia mallograra porque a Allemanha habilmente se retrahira, allegando que as suas questões de tarifas com a grande Republica não eram de molde a lhe causar irremediaveis abalos na sua vida economica. Houve mesmo quem se arriscasse a explicar essa mudança gradual de attitudes das potencias mais interessadas “em livrar o mundo civilizado das garras aduncas da *aguia americana*”, escrevendo que, á Inglaterra, não parecera mesmo opportuna e sabia tão grandiosa empreza contra a sentinella avançada das liberdades politicas do Novo Continente. Era cedo ainda para mais essa cruzada em nome da civilização e da paz universal. Tudo tem o seu tempo e o seu momento na historia. As questões do canal interoceanico em breve resurgiriam mais fortes e cada vez mais graves. O Japão lá estaria, ao longe, na outra face do mundo, sempre vigilante e activo como um alliado precioso. O Mexico haveria de ser perennemente um agitado ou um agitador, como uma excellente base de operações. E seria ridiculo, ou, o que é mais grave, seria uma loucura que a Europa se atirasse além-mar a uma aventura arriscada quando, dentro de casa, ainda possuia o maior inimigo da sua tranquillidade interior e do seu proprio equilibrio politico...

Surgio logo tambem a *Triplíce Entente*. A França, como latina, apoderou-se-lhe présaga do coração; a Russia ficou sendo o seu braço vingador; a Grã-Bretanha, como sempre em tudo, o cerebro...

O *perigo allemão* tornou-se cedo o succedaneo do *perigo americano*. A *paz armada* tocára á plethora; a obra de Bismarck não poderia durar mais do que dois exercicios financeiros. A Russia preparava-se para, em vinte mezes, duplicar os seus exercitos. A França, em torno da agitação sobre a *lei dos tres annos*, puzera bem ámostra os seus intentos bellicosos. A Inglaterra, sem o pesadelo de fronteiras e com a sua formidavel esquadra sempre em movimento, estava a qualquer hora mais do que adextrada para dirigir e coordenar as forças alheias. A Allemanha, emfim, com a Austria á ilharga, sentia-se a unica desde já apparelhada para entrar em combate. Por que havia, pois, de vacillar o Kaiser? Surgio a *questão servia*. . . Chegára o momento. . . Precipitou-se a guerra. . .

O BRASIL E A CONFLAGRAÇÃO EUROPÉA

(CONCLUSÕES)

Taes foram, Sr. Presidente, as causas proximas e remotas da tremenda conflagração que, começando agora a ensanguentar a Europa, já se irradia á Africa, á Asia e ás ilhas da Oceania, e podera de um momento para outro ameaçar ainda a paz reinante em todo o continente americano.

Espectadores imparciaes do grande conflicto imperialista e amigos da paz por indole, por tradição e por escola, nós, os brasileiros, se lastimamos sinceramente tão ingrata e cruel contenda, em que se acham empenhados, de parte a parte, dos belligerantes, povos a que nos ligam as mais amistasas relações e os mais caros interesses, não devemos contudo deixar de reconhecer a severa lição que, ao nosso patriotismo, estão a cada passo inflingindo tão luctuosos successos.

Ha um seculo precisamente, em 1815, o notavel escriptor francez Alphonse Beauchamp, na sua interessante *Histoire du Brésil*, estudando a transferencia da Côrte Portugueza para o Rio de Janeiro, formulava sobre o futuro de nossa Patria estes ditos augurios:

“O Imperio Brasileiro parece chamado agora a gozar dos mais altos destinos. Quem poderá, de antemão, calcular até onde irá a energia de uma nação, por assim dizer, resuscitada? Ao Brasil, não faltam riquezas naturaes, nem portos, nem navios, nem marinheiros. Este Imperio tão poderoso quão magnifico, equilibrará bem depressa o poder crescente dos Estados-Unidos e terá sobre elles as vantagens de um clima mais doce, de um sólo mais fértil em producções uteis e preciosas, e de uma posição geographica dominando o caminho das duas Indias, de todos os grandes mares do globo, e formando como que o nó das communicações commerciaes de todo o mundo civilisado. Como é rico, forte e inatacavel esse paiz portentoso do hemispherio austral! Como seu destino é nobre e independente... Frotas numerosas não o poderiam, jámais, atacar; exercitos formidaveis o ameaçariam debalde! Tudo lhe garante uma prosperidade crescente e uma longa duração!”

Desgraçadamente para nós, tão auspiciosa propheta não se tornou ainda uma realidade. Cem annos já se passaram por sobre tão animadoras palavras; e continuamos a ser, senão o mesmo povo possuido de então, um paiz apenas geographicamente autonomo. A' nossa independencia politica não succedeu ainda a nossa emancipação economica. Somos uma nação de facto tributaria. Vivemos do estrangeiro, pelo estrangeiro e para o estrangeiro.

Agora mesmo, diante da conflagração européa,

sentimo-nos bruscamente asphyxiados em todas as nossas energias vivas quando, dentro do nosso sólo privilegiado e uberrimo, possuímos sem faltar uma só que seja, todas as fontes de riquezas naturaes e todas as mais ricas producções do universo.

Aproveitemos o momento. O que garantio á Alemanha esse formidavel poder militar com que está resistindo ás investidas dos exercitos colligados das outras grandes potencias foi a prodigiosa organização das suas industrias, do seu commercio, da sua lavoura, do seu credito, da sua fortuna publica e particular, em uma palavra, da sua incomparavel administração interior.

No Brazil, senhores, nada existe organizado. Somos um paiz corroído pelo partidarismo pessoal e pela burocracia — os dois nefastos parasitas que, ha longos annos, minam e entorpecem toda a vitalidade nacional. E, o que se acaba de provar pelos factos, é que, se já sabiamos que eramos politicamente uma nação desarmada, agora verificamos que, de um momento para outro, poderemos ser facilmente humilhados e vencidos; e, para isso, não precisará que nos affrontem com a força: bastará que não nos mandem o que comer e nos renderemos pela fome! E' a hora de reagir. Reajamos!

